

Perfil Tecnológico das Construções Praieiras do Nordeste do Brasil

Genival Costa de Barros Lima Junior

RESUMO

Há uma expressão tecnológica produto de três culturas que perdura nas praias nordestinas e que tem seus primeiros registros desde 1809: casas feitas do material originário do meio ambiente onde estão inseridas e que refletem um contexto socioeconômico específico das comunidades praiieiras. Este artigo, através de análise dos vestígios materiais e de documentação histórica, identificou as influências e as origens destas construções, o que permitiu defini-las e compreender sua configuração atual. Através de visitas ao longo do litoral nordestino fez-se um levantamento fotográfico, gráfico e estatístico para se estabelecer quais os padrões existentes e os níveis de preservação de cada comunidade e, identificar assim, os graus de influência externa e de tecnologias construtivas indígenas, europeias e negras.

Palavras-chave: Arqueologia histórica. Patrimônio. Tecnologia. Construção. Tectônica. Arquitetura. Casa. Pescadores. Litoral do Nordeste.

ABSTRACT

There is a technological expression product of three cultures that lingers in the Northern beaches and whose earliest records since 1809: houses made from material sourced from the environment in which they operate and which reflect a particular socio-economic context of shore communities. This article, through analysis of material remains and historical documentation, identify the influences and origins of these buildings, which allowed them to define and understand its current configuration. Through visits along the northeastern coast became a photographic, graphic and statistical survey to establish which existing standards and levels of preservation of each community, and thus identify the degrees of external influence and indigenous, black e european construction technologies.

Keywords: Historical archeology. Heritage. Technology. Construction. Tectonics. Architecture. House. Fishermen.

Padrões tecnológicos	2
Arqueologia e o habitar humano.....	3
Corte temporal e Geográfico	4
Estado de arte.....	4
Influência Indígena, Negra e Branca.....	5
Sincretismo	6
Sincretismo Cultural	7
Sincretismo Tecnológico	8
Pesquisa.....	10
Considerações finais	23
Referências Bibliográficas.....	24

Padrões tecnológicos

A adaptação ao ambiente, bem com permanência e uso do mesmo, depende, entre outros fatores, de desenvolvimentos tecnológicos que o grupo aprimora, absorve ou descarta com o passar do tempo. Este desenvolvimento estabelece padrões que se tornam característicos do grupo. Barrio (2005) associa cultura - sistema integrado de padrões de conduta aprendidos e transmitidos de uma geração a outra, características de um grupo humano ou sociedade – à padrões tecnológicos quando escreve:

“[...] haverá sociedades de caçadores coletores (com ou sem excedentes) e sociedades agrícolas e pastoris (com pequenos ou grandes excedentes). O tema dos excedentes é importante na hora de estabelecer núcleos de população permanentes, já que só quando aqueles que produzem podem estabelecer-se em assentamentos fixos e complexos. A capacidade ou não de produzir excedentes depende das ferramentas utilizadas, da quantidade de tempo livre, da densidade da população, da habilidade, etc”.

Assim pode-se entender que o processo de aprimoramento tecnológico está ligado ao desenvolvimento cultural de determinado grupo e que esse desenvolvimento, ou estabelecimento, ou mesmo formação, de uma cultura traz em sua carga de dados formativos aspectos tecnológicos que demonstram, explicam e justificam o processo.

Com isso em mente percebe-se em todo o litoral nordestino uma rica expressão sociocultural envolvida diretamente com o mar e a terra e dependente desse ambiente para permanência e sobrevivência: a cultura praia e pesqueira. Desde o trabalho até o falar, essa cultura tem suas peculiaridades, nuances, que a tornam única e explicam o fascínio que exerce em muitos observadores atentos. Música, religião, vestimenta, ferramentas e apetrechos de trabalho são facetas desse modo de vida que permeia as grandes cidades no Nordeste brasileiro. Uma das manifestações mais constantes, tão forte quanto a jangada, em toda a imagética popular é a casa de pescador. Sempre presente, isolada ou em vilas, ela acaba por se tornar parte da paisagem. Quase todo frequentador do litoral, com mais idade, tem alguma lembrança desta representação visual no litoral nordestino. Como se formou esta cultura construtiva? O que ela revela sobre sua origem? Como explicar a evolução tecnológica que se processou nas praias do nordeste?

Leroi-Gourhan (1984) escreve que a habitação “é um dos aspectos da atividade humana sobre os quais mais se tem escrito, porque a casa é, ao mesmo tempo, o mais aparente e o mais pessoal de todos os traços étnicos”. Também Rapoport (1969) diz: “Uma casa é um fato humano, e mesmo com as mais severas restrições físicas e tecnologia limitada o homem tem construído de modos tão diversos que estes só podem ser atribuídos à escolha, a qual envolve valores culturais”. Sendo um elemento cultural que traz tanta intimidade com seu construtor, compreender a casa será imprescindível para um entendimento de cultura. Como salienta Bachelard n` *A Poética do Espaço*, onde a casa (o habitar) é um modo de entender o pensar mais íntimo (do habitante), pois este é formado a partir do ambiente da casa e de seu uso e suas memórias. Uma constante: casa gera homem, homem gera casa. Essa estreita relação ajudará a entender os modos e as técnicas por trás da casa e o homem por trás dos modos.

Como elemento cultural tecnológico, a casa dialoga com o meio, é condicionada por este e o altera na medida do possível. Esse relacionamento, homem, cultura tecnológica e meio, molda

um inteiro modo de pensar que é bem peculiar ao caso em estudo. A diversidade de grupos humanos, associada à diversidade geográfica e biológica do ambiente praieiro, formou um modo de construir que explica como se deu, e em quais proporções, um sincretismo cultural. História, população e cultura estão envolvidas nessa fusão.

Arqueologia e o habitar humano

Sobre a importância de estudar o habitar humano e seus modos, o pensar arqueológico enfatiza a compreensão das relações que existem entre habitar e tecnologia. E a amplitude de interfaces de conhecimento junto com o caráter antropológico da disciplina é fundamental nessa empreitada. Em sua introdução para a publicação *Archaeological Approaches to Technology*, em que se estudam alguns procedimentos arqueológicos para o estudo da tecnologia, Heather M. L. Miller enfatiza a contribuição da Arqueologia nesse estudo:

“A mais óbvia contribuição da arqueologia é a sua ampla perspectiva, com a qual pode ou seguir uma sociedade particular através do tempo ou uma faixa entre muitas sociedades. Provê informação sobre o desenvolvimento e a aceitação de novos objetos e novas técnicas de produção e sobre mudanças em economias passadas, estruturas sociais e organizações políticas em relação à invenção ou adoção de tecnologias”.

E, nessa introdução, a própria autora destaca os aspectos culturais envolvidos e como estes ajudam no entendimento do homem por trás do objeto. Encarando a cultura material como o resultado da interação entre pessoas e coisas e que esta é transmitida consciente ou subconscientemente então os artefatos codificam informações desta memória de atuação humana, serve para interpretar uma cultura. Desse modo, o artefato é revelador, na qualidade de, muitas vezes, único documento “escrito” (entendendo-se aqui esse escrito como registro remanescente ou mais evidente de uma cultura oral, por exemplo), de seu fazedor e ajuda a contar sua história.

O *Dictionary of Artifacts*, de Bárbara Ann Kipfer, classifica cultura material da seguinte maneira:

“Os artefatos e ecofatos são usados por um grupo para lidar com seu ambiente físico e social. Cultura material inclui as construções, ferramentas e outros artefatos que constituem os restos materiais de uma sociedade anterior — sua tecnologia e artefatos combinados. Cultura material, desse modo, envolve arquitetura, arte e ofícios populares.”

Borrazás et al (2002) destaca que para maximizar a compreensão sobre um registro ou vestígio se faz necessário entender que

“[...]o registro arquitetônico se apresentava como a chave para a compreensão das formações socioculturais estudadas, já que potencialmente esse nível de registro aporta muita informação que permite ver de forma diferente os fatores de ordem individual, social, político-econômica, subsistencial e simbólica que prevalecem em comunidades do passado.”

Assim a forma física da casa é um reflexo do arranjo social existente. Essa compreensão conecta homem e construção como partes dinâmicas e atuantes de uma cultura. Percebe-se que o estudo da construção praieira, para traçar seu perfil tecnológico e sua evolução, é de importância para o entendimento do homem que lá vive, afinal essa cultura é toda oral, ou seja, seu registro é

feito nas construções, nos apetrechos de trabalho, na música, no folclore e na mitologia, na religião, nos hábitos, falares e saberes.

Corte temporal e geográfico

O cenário que serve de pano de fundo para o desenvolvimento da cultura praieira se desenrola em meados do século XIX, com a proximidade do fim da escravatura. Essa época que marca o declínio de um inteiro sistema econômico e social onde à guisa de muito custo e contragosto, negros começam a usufruir de “regalias” mais amplas e a liberdade completa de alguns — também fuga e consequente ajuntamento e união de outros — permite a formação de uma população que inicialmente é forçada a viver à margem da economia citadina e que, por isso, acaba por se enfrontar em outros modos de produção que vão se tornando cada vez mais rentáveis. É baseado nessa conjuntura político econômica que escritores, pesquisadores, antropólogos e historiadores começam a descrever e registrar a formação de um povo brasileiro, mestiço e fundido culturalmente, como salienta Ribeiro (2006):

“[...]nasce em torno do complexo formado pela economia do açúcar, com suas ramificações comerciais e financeiras e todos os complementos agrícolas e artesanais que possibilitavam sua operação[...] Nela, a forma de existência, a organização da família, a estrutura de poder não eram criações históricas oriundas de uma velha tradição, mas meras resultantes de opções exercidas para dar eficácia ao empreendimento. Mas, por outro lado, muito mais complexa, como população surgida da fusão racial de brancos, índios e negros, como cultura sincrética plasmada na integração das matizes mais díspares e como economia agroindustrial inserida no comércio mundial existente.”

O corte cronológico fica, então, no segmento de tempo que compreende o declínio da cultura do açúcar, a perda de poder dos senhores de engenho, o ganho de atuação da população negra, cada vez maior e que substituiu o índio como mão de obra, a abolição do sistema escravista e os dias atuais, onde encontramos, ainda resistindo, exemplos da cultura praieira bem preservada e mantida à custa de muito trabalho e isolamento: de 1888 até os dias de hoje, quando a cultura luta para poder sobreviver às novas formas de economia e ao uso do espaço praieiro.

A pesquisa se desenvolveu tendo como ponto de partida comunidades e ajuntamentos urbanos em todo o litoral nordestino, onde se desenvolveu uma forte cultura açucareira, em especial em volta da capitania de Pernambuco, e onde o clima, geografia e cultura sócio econômica ajudou o estabelecimento de comunidades pesqueiras por todo litoral. O material recente é fruto da coleta de pesquisa feita para o livro *Arquitetura Vernacular Praieira*.

Estado de arte

Quando lemos ou pesquisamos a respeito desta cultura tecnológica construtiva entramos em contato com duas expressões atribuídas a este tipo de construção, muito comuns entre estudiosos. Uma, usada em âmbito mundial, e, outra, mais local, no âmbito dos pesquisadores brasileiros: vernacular e popular.

“Até tempos bem recentes não se havia considerado nenhum termo específico para designar esta imensa maioria de construções habitualmente ignorada nos tratados. O reconhecimento da própria existência de formas construídas, sobretudo de edifícios destinados ao uso doméstico, suscetíveis de

diferenciação segundo culturas, meio ambiente e clima do lugar em que se levantam, tem conduzido a um emprego cada vez maior do termo “arquitetura vernácula” para identificá-las.”

Com esse argumento, o autor Paul Oliver (1978), defende a importância de uma terminologia adequada que descreva as construções descritas acima. De fato, o termo *vernacular* é um dos mais usados na Europa pelos estudiosos das construções feitas em bases totalmente culturais, sem a presença do arquiteto ou construtor profissional, onde o conhecimento e domínio da técnica são quase que instintivos — não há documentação do processo (manuais), o trabalho é artesanal, e a oralidade e observação fazem parte do aprendizado e da difusão do conhecimento. Este termo é vinculado à construção que absorve matérias de seu entorno, que é moldada pelas restrições do clima e geografia do seu lócus.

Já no Brasil autores como Weimer, em *Arquitetura Popular Brasileira*, defende que o termo *popular* é melhor aplicado “às manifestações construtivas do povo”.

“Em sua origem latina, *populus* designava o conjunto de cidadãos que excluía, por um lado, os mais privilegiados, os patrícios, a quem estava reservada a representação no senado, e, por outro lado, os menos afortunados, a plebe, os despossuídos. Portanto, em seu sentido mais direto, significa aquilo que é próprio das camadas intermediárias da população. Essa definição parece ser extremamente atual e muito feliz: exclui a arquitetura realizada pelas elites — denominada erudita — e a dos excluídos, para a qual, modernamente, se têm usado o termo *favela* e outros termos semelhantes.”

Nessa defesa de sua terminologia, o autor deixa claro que o termo *popular* se aplica com mais precisão ao objeto construído pelo povo e para o povo. Para tais, essa designação tem sido suficiente por, simplesmente, excluir o que é “erudito”, ou profissional, da referida construção.

Tanto Oliver quanto Weimer usam termos que, por mais que tendam a se aproximar da realidade, segundo as explicações fornecidas, não são incisivos na explicação e no entendimento de alguns padrões tecnológicos ou, mais especificamente, de um objeto construído, neste caso uma casa, pois são essencialmente generalizantes. Descrevem (no sentido de que os termos servem para determinar o que são as construções e, em alguns casos, como em *vernacular*, o contexto em que a construção está inserida), mas não explicam alguns fatores que podem ser preponderantes para a boa compreensão dessa cultura construtiva como, por exemplo, quais as suas origens e as suas influências, qual o seu modo de construção, qual a cultura por trás da obra e, mesmo, quais as atividades e hábitos dos homens por trás da cultura construtiva, são alguma das questões que os conceitos dos dois autores não conseguem responder.

Ao pensar numa terminologia mais incisiva e específica para o estudo em questão, há de se refletir sobre algumas questões que estes termos apontam ou fazem referência: Quais são as construções específicas em estudo? Para que se prestam? Quem mora ou usa tais construções? Desde quando esta cultura construtiva vem sendo usada? Ou a partir de quando ela se formou e de quais padrões anteriores? É um bem cultural, digno de estudo e preservação?

Influência indígena, negra e branca

Antes de obter respostas para as questões acima convém lembrar quais aspectos foram misturados ao formar a casa do pescador praieiro. As influências se manifestam em detalhes construtivos e executivos (tecnologia) e modos de uso do ambiente construtivo (cultura).

Entre as influências indígenas que podemos elencar no desenvolvimento tecnológico do habitar praieiro estão: Construção com materiais vegetais, uso da varanda (estrutura a partir da uma extensão da cobertura em duas águas) cobertura para fugir do calor, palafitamento para fugir da maré ou cheia dos rios, utilização da tesoura romana como estrutura de telhado, planta retangular baseada em sequências de três pilares (sendo os do meio formadores da cumeeira), uso de forquilhas no madeiramento de apoio da cobertura, cobertura em camadas de palha seca, trançado da palha (seja de coqueiro, carnaúba ou babaçu), ausência de divisões internas na casa (objetos e utensílios em uso determinam o ambiente), casa é o reino das mulheres, plantas com dois acessos (e únicas aberturas) e banheiro separado da casa com piso elevado e livre de olhares por vedação.

Já entre as contribuições negras estão: construção com terra (argila), plantas retangulares (cerca de seis por oito metros), cubatas (casas unifamiliares sem divisões internas), cubatas de sombra (cobertas sobre pilares de madeira para uso dos homens da tribo, servindo para reuniões e trabalho), uso da taipa, beiral saliente (com o objetivo de proteger a taipa das intempéries), alpendre (lussambo) diante da casa, poucas e pequenas aberturas.

Por fim os brancos influenciaram a construção com: alpendramento das fachadas principais, especialização do ambiente interno (cozinha e demais divisões internas), acabamento de fachada, elementos acessórios (portas e janelas) trabalhados e rebuscados, telha cerâmica, exacerbação do senso de privado.

Sincretismo

A palavra vem do grego *synkretismós*, “união de diversas cidades da ilha de Creta contra um inimigo comum”; de *syn*—*junto* — com *kres*—*cretense*. Com o tempo, adquiriu o sentido de união de correntes, teorias ou religiões diferentes. O dicionário Michaelis, entre as definições para sincretismo, define, sob o ponto de vista antropológico, assim: Fusão de dois ou mais elementos culturais antagônicos num só elemento, continuando, porém, perceptíveis alguns sinais de origens diversas.

De fato, *sincretismo* é o termo que se enquadra no cenário exposto. Mais do que uma construção popular, com a qual se poderia confundir, por exemplo, com as casas em favelas, atualmente encontradas em quase todas as grandes cidades, além de outras construções espalhadas pelo mundo, onde o fator não profissional é a principal característica analisada. Do mesmo modo, mais do que uma construção vernacular, onde o meio fala mais alto do que a cultura por trás da tecnologia construtiva e que pode facilmente apontar para outras regiões similares no mundo. Esta palavra — sincrética — afunila as opções socioculturais em um único ponto, onde se pode perceber e apontar, ou pelo menos conjecturar, as origens humanas da construção. E de fato, assim como ocorre na religião, a construção, ou tecnologia, sincrética é uma fusão cultural onde, como este trabalho aponta, se percebe cada uma das suas partes componentes no conjunto.

Sincretismo cultural

Conforme Silva (2004) descreve, os índios foram a mão de obra inicial nas plantações de cana-de-açúcar e outras culturas agrárias menores, que logo se desenvolveram no litoral nordestino, atividade esta que serviu como impulsionador de todo um dinamismo econômico, social e cultural observado na região. Cabia aos índios não apenas trabalhar nas plantações, mas também construir engenhos e casas, bem como produzir alimentos através da caça e pesca. Quanto ao envolvimento com as atividades pesqueiras Silva (2001) salienta:

“A escravização do “gentio da terra”, portanto, não se verificou apenas no interior dos engenhos e das lavouras de cana, mas também no mundo do mar, da pesca e da navegação de cabotagem, que começava a se impor na América portuguesa. Até mesmo chegou a atingir alguma especialização, como se pode verificar, na medida em que os escravos indígenas habilitados como pescadores, calafates e caixeiros custavam quase o mesmo preço que um escravo africano.”

No entanto, em fins do século XVI, observam-se uma grande mortandade, por diversos fatores, de doenças a guerras, entre os indígenas e o início do tráfico intenso de negros africanos como escravos. Some-se a isso o fato de que “entre os séculos XVII e XVIII, os indígenas deixaram de constituir a principal força de trabalho não apenas entre os engenhos e lavouras de cana do Nordeste, mas também na pesca e em outras atividades ligadas ao mundo do mar. Pela lei promulgada em 30 de julho de 1609, proíbe-se até mesmo sua escravização” (Silva, 1988).

Durante esse período, percebe-se um incremento violento na quantidade de escravos africanos no Nordeste e no seu uso como força de trabalho nas mais variadas frentes, não somente na lavoura de cana. Estes também tinham contato com a cultura pesqueira. Há estudos que mostram que alguns escravos pescavam e catavam caranguejo para contribuir com alimentação na senzala (Silva, 1988).

A partir dessa realidade, os senhores de terras não apenas usavam sua mão de obra para a cana, mas, como observou Castelluci Jr.(2008),

“[...] em muitas delas [fazendas], os senhores investiram na plantação de coqueiro, cuja fruta era muito bem aceita no mercado provincial e enviada para o Rio de Janeiro; na coleta da piaçava; na extração da lenha que alimentava os fornos dos arguidas, das engenhocas e padarias do recôncavo; também cultivavam várias árvores frutíferas. A pesca litorânea se constituiu, assim como outras atividades produtivas, numa importante fonte de receita para os senhores, além de extraordinária fonte de alimentação que completava a dieta alimentar deles, de seus escravos e dos trabalhadores livres da zona rural. Na maior parte das propriedades arroladas, foi quase uma rotina identificar uma série de embarcações, tradicionalmente utilizadas para a pesca, nas proximidades da praia, além dos instrumentos utilizados na apreensão do peixe.”

Durante essa época, começou a surgir a expressão *escravo de ganho*, ou seja, o negro mais habilitado à diversificação de funções econômicas, dentre elas a pesca, que se tornava maior fonte de renda para seu possuidor. Sobre este novo contexto que se desenvolve no litoral Silva (1988) acrescenta:

“Como já foi sugerido, entre os séculos XVII e XVIII os escravos africanos e seus descendentes, bem como um número cada vez mais significativo de negros livres, foram substituindo paulatinamente pessoas de origem portuguesa e indígena nos misteres marítimos e na navegação fluvial nas regiões açucareiras na Bahia e em Pernambuco[...]”

Também é digno de nota, como já salientado acima, rapidamente, que uma parcela importante dos escravos trazidos para o Brasil eram oriundos de regiões costeiras africanas, onde já havia uma cultura de pesca, praia, na estrutura social das tribos (Diegues, 1983).

Acontece que com o declínio da mão de obra indígena a população de escravos negros abundou. As culturas econômicas se diversificaram. Escravos eram usados nas mais diversas atividades comerciais, da padaria à construção civil, passando, lógico, pela pesca. Com as ideias antiescravistas cada vez mais fortes, sabemos que a tendência, muito a contragosto, de muitos senhores foi a de relaxar na pressão servil exercida sobre seu corpo de escravos. Com o tempo, mais liberdades foram alcançadas também. De todo modo, os escravos ou recém-libertos tinham mais tempo para si e seus familiares, havia momentos ou dias que podiam ser usados para seu próprio proveito econômico. Assim, criou-se uma cultura econômica paralela, e muito forte diga-se de passagem, nas cidades litorâneas, com arrendamentos de terras a famílias e grupos que acabavam por se instalar na praia, ou coqueiral, para administrar seu empreendimento, que incluía não só o coqueiral, mas muitas vezes um roçado onde eram plantados alimentos de subsistência, principalmente a mandioca (herança indígena). Foi nessa época que os mercados de peixe começaram a sair da sombra dos coqueiros para as proximidades da cidade e, posteriormente, para dentro dela.

Dessa cultura em desenvolvimento surge toda uma sociedade tipicamente brasileira, segundo Darcy Ribeiro em *O Povo Brasileiro*. O autor deixa claro que esse povo gera matizes culturais que serão a base do entendimento das populações tradicionais, ou rústicas. Ribeiro define, em seu estudo, cinco culturas que se formaram no Brasil e que podem ser encaradas como tradicionais: a cultura crioula, que se desenvolve no litoral nordestino; a cultura caipira, nas áreas de ocupação dos mamelucos paulistas; a cultura sertaneja, que se forma nos currais de gado no interior do País; a cultura cabocla, das populações da Amazônia; e a cultura gaúcha, de pastoreio nas campinas do sul. Dentro dessas populações tradicionais, ou rústicas, a crioula, segundo nomenclatura usada pelo autor, é que se torna foco de interesse. Por quê? Esta

“[...]nasce em torno do complexo formado pela economia do açúcar, com suas ramificações comerciais e financeiras e todos os complementos agrícolas e artesanais que possibilitavam sua operação[...] Nela, a forma de existência, a organização da família, a estrutura de poder não eram criações históricas oriundas de uma velha tradição, mas meras resultantes de opções exercidas para dar eficácia ao empreendimento. Mas, por outro lado, muito mais complexa, como população surgida da fusão racial de brancos, índios e negros, como cultura sincrética plasmada na integração das matizes mais díspares e como economia agroindustrial inserida no comércio mundial existente.”

Sincretismo tecnológico

A capacidade ou a opção pela escolha, o poder de decisão, ou, como salienta Basalla (2001), a abordagem voluntarista (em vez da determinista), conduz a entendimentos mais amplos

sobre o conjunto de fatores que formaram a casa do pescador como hoje conhecemos. Nas suas conclusões em *A Evolução da Tecnologia*, o autor citado destaca:

“As pessoas fazem novos tipos de coisas porque decidem definir e procurar um tipo particular de vida humana. A história da tecnologia não é um registro dos objetos fabricados para garantir nossa sobrevivência. Em vez disso, é o testemunho da fertilidade da mente inventiva e do imenso número de formas que os povos da terra **escolheram** para viver. Sob esta perspectiva, a diversidade de artefatos é uma das expressões mais elevadas da existência humana”.

Percebe-se que a necessidade, que muitos tacham de mãe da invenção, não é aspecto fundamental no desenvolvimento de algum artefato. Muitas necessidades são criadas pela tecnologia, ou seja, são posteriores ao artefato. No entanto, essa necessidade, somada ao desejo ou a fatores que acelerem a mudança tecnológica, como condições socioeconômicas, culturais, entre outros, pode produzir resultados expressivos na produção tecnológica. O fator escolha torna-se, assim, determinante quando observado à luz dos aspectos culturais envolvidos.

Este será o ponto de partida para salientar que adaptações e desenvolvimentos tecnológicos na construção da casa do pescador são fruto de desejos e anseios (traços culturais), além de adaptações climáticas e tecnológicas, que permeiam a cultura que se fundiu no litoral nordestino durante um período especificado. A opção pelo ambiente praieiro e as tipologias construtivas adotadas, ou misturadas, para se chegar ao que hoje ainda se encontra pelo litoral nordestino brasileiro, conforme o levantamento histórico feito, revelam que culturas se chocaram, cada qual com bagagem tecnológica e vivência construtiva, com sua maneira de uso do ambiente e adaptação a este, com seu modo de vida e influências sofridas. Essa junção gerou uma nova forma de se adaptar à região de praia a partir de um agente catalisador: o branco e a cultura açucareira, que através de décadas foi se aproximando e fornecendo as condições para que ocorresse esse sincretismo cultural.

Nesse ponto, pode-se atentar para o que Crouch e Johnson argumentam em *Traditions in Architecture* para entender o progresso ou a evolução tecnológica. As autoras discorrem sobre como se técnicas e tecnologias específicas acabam por formar tradições tecnológicas que se espalham pelo território, se misturam ou são completamente modificadas. No capítulo 2, as autoras escrevem:

“Pessoas em culturas tradicionais sabem como fazer as construções de que precisam. Há anos, através de tentativas, de erros, reflexão e novas tentativas, tradições construtivas têm evoluído para integrar clima, materiais, outras contenções físicas e práticas culturais a formas arquitetônicas que satisfazem necessidades de indivíduos e grupos. Pessoas nessas culturas, enquanto desenvolvem meios falados e escritos para codificar tradições construtivas, também sabem como transmitir este conhecimento de uma geração para a próxima. Elas preferem sempre instruções faladas e demonstração do que material impresso.”

Esses conceitos de Crouch e Johnson associados aos de Leroi-Gourhan (em sua publicação, onde se observa um estudo sobre como culturas diferentes usam ou aprimoram as técnicas, inclusive construtivas — o uso da casa e de suas partes, como telhados, portas, vedações, mobiliário, etc.) nos apontam para o fato de que o desenvolvimento tecnológico é um processo dinâmico de constante adaptação às condições em sua volta, inclusive sujeita a

acréscimos culturais. Tanto quanto as respostas a necessidades, a evolução tecnológica atende a solicitações econômicas, sociais, históricas e geográficas.

Ainda, somando-se a isso, o que Oliver (2006) destaca ao escrever sobre *know-how* vernacular pode ampliar o conhecimento dos aspectos de transmissão cultural em discussão:

“Na prática, dentro do contexto da arquitetura vernacular, é englobado o que se sabe e o que é característico sobre abrigar, construir ou assentar; inclui a sabedoria coletiva e experiência da sociedade envolvida e as normas que se tornaram aceitas pelo grupo como sendo aceitáveis para suas construções[...] tecnologia vernacular está situada conceitualmente dentro de um grande mapa cognitivo ou território que constitui a totalidade do conhecimento sobre construir e assentar que é guardado por uma sociedade específica”.

Oliver descreve não somente o papel desse mapa cognitivo que guarda o conhecimento técnico dentro de uma determinada sociedade, mas propõe que a transmissão se torna possível através de uma tecnologia simples, que use poucos artifícios, como ferramentas, e que seja baseada no empreendimento humano (que pode ser coletivizado), e, desse modo, a manutenção do *know-how*, do saber e do fazer, permanece no seio do grupo. Não é que se iniba qualquer manifestação de individualidade, mas que as soluções estabelecidas, culturalmente, foram, como é de conhecimento de todos no grupo, testadas através dos tempos e então aceitas e difundidas na comunidade. Os padrões de vida se mantêm constantes nesse aspecto. Então os edifícios se manterão constantes.

Assim entendemos que o choque de culturas associado, ou motivado, a todo um sistema sócio-político fez com que dados tecnológicos se unissem em torno de uma nova formatação econômica e cultural. Esta nova formatação gerou, enquanto se desenvolvia, um novo *modus operandi* construtivo característico que de quem estava a usar o meio praieiro como base de produção.

Pesquisa

As pesquisas e levantamento de dados durante as visitas (em 31 comunidades no MA, CE, RN, PB, AL e BA) permitiram a geração de tabelas temáticas que nos ajudam a estabelecer, por fim, quais detalhes mais se aproximam das culturas em fusão. Elas apontarão para relações que podem ser estabelecidas e as conclusões que podem ser tiradas ao se deparar com os quantitativos de elementos construtivos ou finalizadores (acabamentos) de recorrência nas construções estudadas. As tabelas temáticas de recorrência são:

tema: Estrutura			
Casa / Localidade	Influência		
	índia	negra	branca
01 - Ilha São Pedro - MA			X
02 - Ilha São Pedro - MA			X
03 - ilha Lençóis - MA	X		
04 - ilha Lençóis - MA	X		
05 - Espadarte / Vassouras - MA		X	
06 - Espadarte / Vassouras - MA	X	X	
07 - Morro do Boi - MA		X	
08 - Morro do Boi - MA	X	X	
09 - Caburé - MA	X		
10 - Barrinha - CE			X
11 - Barrinha - CE	X		
12 - Balbino / Xavier - CE			X
13 - Balbino / Xavier - CE	X		
14 - Praia Nova - CE	X	X	
15 - Estevão / Majorlândia - CE	X		
16 - Fontainha - CE			X
17 - Quitérias / Peroba - CE		X	
18 - Areia Branca - RN	X	X	
19 - Redonda - RN	X	X	
20 - Galinhos - RN	X		
21 - Santa Maria - RN	X		
22 - Abiaí - PB	X		
23 - Abiaí - PB	X	X	
24 - Camaratuba - PB	X		
25 - São Miguel dos Milagres - AL	X		
26 - Japaratinga - AL	X		
27 - Japaratinga - AL	X	X	
28 - Poças - BA	X		
29 - Cumuruxatuba - BA			X
30 - Vila de Contrato - BA			X
31 - Vila de Contrato - BA			X
Porcentagem Estrutura	64%	32%	25%
	índia	negra	branca

Tabela 1 Tabela analítica tópico: Estrutura

Fonte: Desenvolvido pelo autor

tema: Coberta			
Casa / Localidade	Influência		
	índia	negra	branca
01 - Ilha São Pedro - MA	X		
02 - Ilha São Pedro - MA	X		
03 - ilha Lençóis - MA	X		
04 - ilha Lençóis - MA	X		
05 - Espadarte / Vassouras - MA	X		
06 - Espadarte / Vassouras - MA	X		
07 - Morro do Boi - MA	X		
08 - Morro do Boi - MA	X		
09 - Caburé - MA	X		
10 - Barrinha - CE			X
11 - Barrinha - CE			X
12 - Balbino / Xavier - CE	X		
13 - Balbino / Xavier - CE	X		
14 - Praia Nova - CE		X	X
15 - Estevão / Majorlândia - CE	X	X	
16 - Fontainha - CE	X	X	
17 - Quitérias / Peroba - CE		X	X
18 - Areia Branca - RN			X
19 - Redonda - RN			X
20 - Galinhos - RN	X		X
21 - Santa Maria - RN	X		
22 - Abiaí - PB	X		
23 - Abiaí - PB			X
24 - Camaratuba - PB	X		
25 - São Miguel dos Milagres - AL	X	X	
26 - Japaratinga - AL	X		
27 - Japaratinga - AL		X	
28 - Poças - BA	X		
29 - Cumuruxatuba - BA			X
30 - Vila de Contrato - BA			X
31 - Vila de Contrato - BA	X		
Porcentagem Coberta	67%	19%	32%
	índia	negra	branca

Tabela 3 Tabela analítica tópico: Coberta

Fonte: Desenvolvido pelo autor

tema: Vedação			
Casa / Localidade	Influência		
	índia	negra	branca
01 - Ilha São Pedro - MA			X
02 - Ilha São Pedro - MA	X		
03 - ilha Lençóis - MA			X
04 - ilha Lençóis - MA	X		
05 - Espadarte / Vassouras - MA		X	
06 - Espadarte / Vassouras - MA	X		
07 - Morro do Boi - MA		X	
08 - Morro do Boi - MA		X	
09 - Caburé - MA	X		
10 - Barrinha - CE			X
11 - Barrinha - CE		X	
12 - Balbino / Xavier - CE			X
13 - Balbino / Xavier - CE	X		
14 - Praia Nova - CE		X	
15 - Estevão / Majorlândia - CE		X	
16 - Fontainha - CE		X	
17 - Quitérias / Peroba - CE		X	
18 - Areia Branca - RN		X	
19 - Redonda - RN		X	
20 - Galinhos - RN		X	
21 - Santa Maria - RN	X		
22 - Abiaí - PB	X		
23 - Abiaí - PB		X	
24 - Camaratuba - PB	X		
25 - São Miguel dos Milagres - AL	X	X	
26 - Japaratinga - AL		X	
27 - Japaratinga - AL	X		
28 - Poças - BA	X		
29 - Cumuruxatuba - BA			X
30 - Vila de Contrato - BA			X
31 - Vila de Contrato - BA			X
Porcentagem Vedação	35%	45%	22%
	índia	negra	branca

Tabela 2 Tabela analítica tópico: Vedação

Fonte: Desenvolvido pelo autor

tema: Elementos Acessórios				
Casa / Localidade	Influência			
	índia	negra	branca	
01 - Ilha São Pedro - MA			X	
02 - Ilha São Pedro - MA			X	
03 - ilha Lençóis - MA	X		X	
04 - ilha Lençóis - MA	X		X	
05 - Espadarte / Vassouras - MA	X	X		
06 - Espadarte / Vassouras - MA	X			
07 - Morro do Boi - MA		X	X	
08 - Morro do Boi - MA	X	X		
09 - Caburé - MA	X			
10 - Barrinha - CE			X	
11 - Barrinha - CE		X	X	
12 - Balbino / Xavier - CE			X	
13 - Balbino / Xavier - CE	X			
14 - Praia Nova - CE		X	X	
15 - Estevão / Majorlândia - CE	X	X		
16 - Fontainha - CE		X	X	
17 - Quitéria / Peroba - CE		X	X	
18 - Areia Branca - RN		X	X	
19 - Redonda - RN		X	X	
20 - Galinhos - RN			X	
21 - Santa Maria - RN	X	X		
22 - Abiaí - PB	X			
23 - Abiaí - PB		X	X	
24 - Camaranga - PB	X			
25 - São Miguel dos Milagres - AL	X	X	X	
26 - Japaratinga - AL		X	X	
27 - Japaratinga - AL		X	X	
28 - Poças - BA	X			
29 - Cumuruxatuba - BA			X	
30 - Vila de Contrato - BA			X	
31 - Vila de Contrato - BA			X	
Porcentagem Elementos Acessórios	41%	48%	67%	
	índia	negra	branca	

Tabela 5 Tabela analítica tópico: Acessórios

Fonte: Desenvolvido pelo autor

tema: Planta / Espaço Interno				
Casa / Localidade	Influência			
	índia	negra	branca	
01 - Ilha São Pedro - MA			X	
02 - Ilha São Pedro - MA			X	
03 - ilha Lençóis - MA			X	
04 - ilha Lençóis - MA			X	
05 - Espadarte / Vassouras - MA			X	
06 - Espadarte / Vassouras - MA	X			
07 - Morro do Boi - MA			X	
08 - Morro do Boi - MA			X	
09 - Caburé - MA	X			
10 - Barrinha - CE			X	
11 - Barrinha - CE			X	
12 - Balbino / Xavier - CE			X	
13 - Balbino / Xavier - CE	X			
14 - Praia Nova - CE			X	
15 - Estevão / Majorlândia - CE			X	
16 - Fontainha - CE			X	
17 - Quitéria / Peroba - CE			X	
18 - Areia Branca - RN			X	
19 - Redonda - RN			X	
20 - Galinhos - RN	X			
21 - Santa Maria - RN	X			
22 - Abiaí - PB	X			
23 - Abiaí - PB	X			
24 - Camaranga - PB	X			
25 - São Miguel dos Milagres - AL	X			
26 - Japaratinga - AL			X	
27 - Japaratinga - AL			X	
28 - Poças - BA	X		X	
29 - Cumuruxatuba - BA			X	
30 - Vila de Contrato - BA			X	
31 - Vila de Contrato - BA			X	
Porcentagem Planta / Espaço Interno	32%		70%	
	índia	negra	branca	

Tabela 4 Tabela analítica tópico: Planta / Espaço Interno

Fonte: Desenvolvido pelo autor

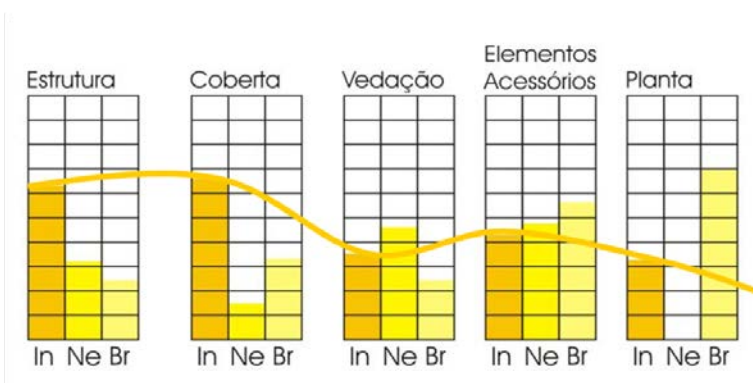


Gráfico 1 Resumo Influência Indígena

Fonte: Desenvolvida pelo autor.

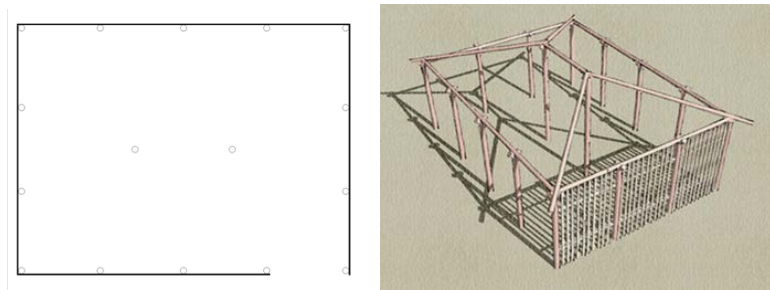


Figura 1 Casa em madeira, Caburé -MA- Planta Baixa, Perspectiva estrutura e Foto

Fonte: Desenvolvimento e acervo do autor.

Outros exemplos de influência Indígena:



Figura 2 Casa em palha, Ilha São Pedro –MA

Fonte: Acervo do autor.



Figura 3 Casa em palha, Balbino/Xavier -CE

Fonte: Acervo do autor.



Figura 4 Casa em palha, Abiaí -PB

Fonte: Acervo do autor.



Figura 5 Casa em madeira, Camaratuba -PB

Fonte: Acervo do autor.

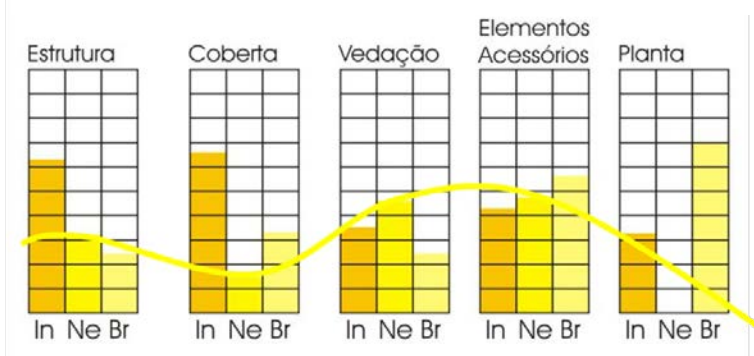


Gráfico 2 Resumo Influência Negra

Fonte: Desenvolvida pelo autor.





Figura 6 Casa em taipa, Quitéria – CE, Planta baixa, perspectiva estrutura, foto

Fonte: desenvolvimento e acervo do autor

Outros exemplos de influência Negra:



Figura 7 Casa em taipa, Canto do Espadarte/Vassouras –MA

Fonte: Acervo do autor.



Figura 8 Casa em taipa, Morro do Boi –MA

Fonte: Acervo do autor.



Figura 9 Casa em taipa, Barrinha –CE

Fonte: Acervo do autor.



Figura 10 Casa em taipa, Fontainha –CE

Fonte: Acervo do autor.

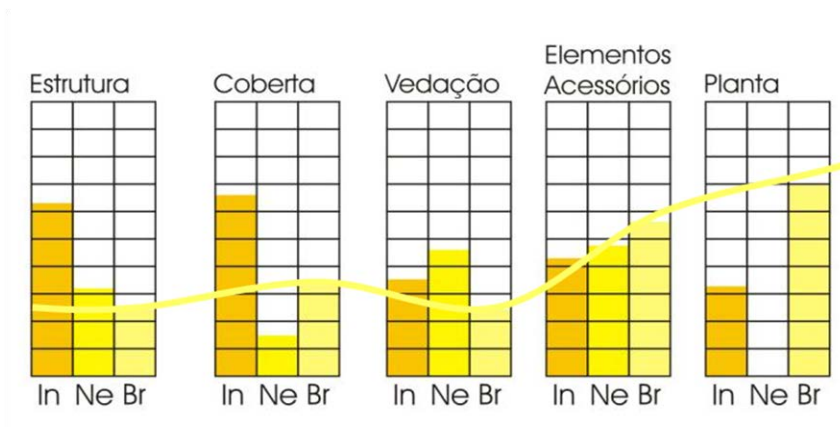


Gráfico 3 Resumo Influência Branca (Européia)

Fonte: Desenvolvida pelo autor.

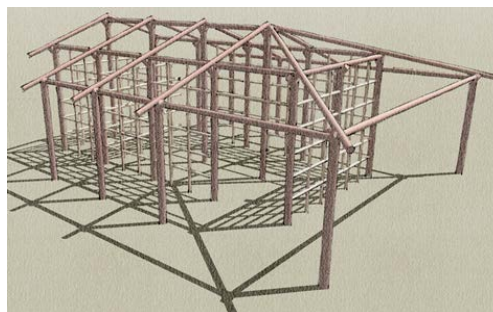
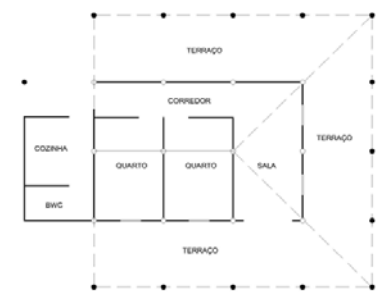




Figura 11 Casa em Taipa, Redonda – RN, Planta baixa, perspectiva estrutura, foto.

Fonte: desenvolvimento e acervo do autor

Outros exemplos de influência Branca:



Figura 12 Casa em alvenaria, Barrinha -CE

Fonte: Acervo do autor.



Figura 13 Casa em alvenaria, Vila de Contrato -BA

Fonte: Acervo do autor.



Figura 14 Casa em madeira, Cumuruxatiba -BA

Fonte: Acervo do autor.



Figura 15 Casa em madeira, Cumuruxatiba –BA

Fonte: Acervo do autor.

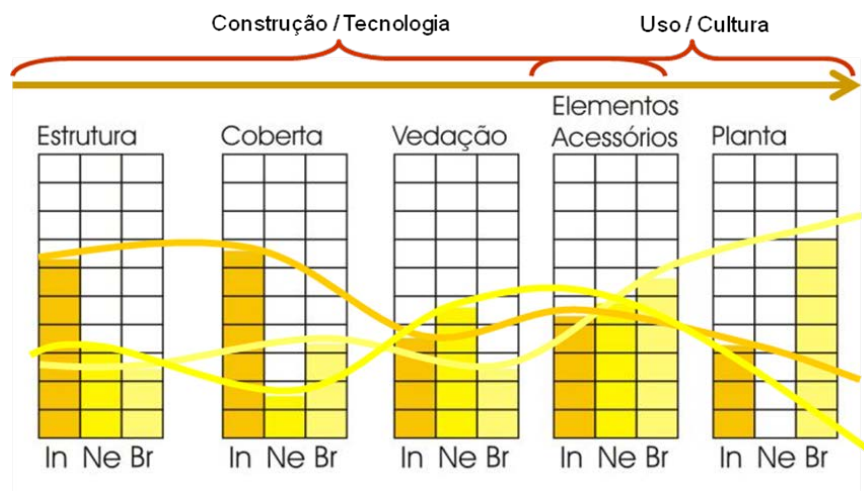


Gráfico 4 Resumo Sobreposição das influências

Fonte: Desenvolvida pelo autor.

O que percebe-se é que a cultura construtiva permanece ancestral. O alto número de recorrências índias e negras na fase inicial da obra aponta para os fatos estabelecidos no decorrer desta dissertação – de que índios e, posteriormente, negros foram usados nas construções iniciais e que estes tiveram, aos poucos, liberdades para executar suas habitações conforme sua tradição e

técnicas. Conforme Mumford (1998) destaca, as escolhas construtivas continuam determinantes na preservação das características culturais, afinal a cultura de aldeia (aquela baseada em oralidades, mitologias e estruturas rígidas e ancestrais) permanece nos costumes e tradições que se refletem na estrutura material (mesmo que em vestígios) das populações tradicionais que se estabeleceram historicamente no litoral. Apesar do contato com culturas dominantes e opressivas a maneira de ver e fazer o habitar permaneceu. Justamente em questões mais ligadas ao construir (estrutura, coberta e vedações) é que são mais encontradas. Não é meramente um fato ambiental, de proximidade com o material, ou de custos construtivos (quando o material básico de construção é retirado do entorno), mas de escolha. Afinal percebe-se que no mesmo sítio onde se encontra madeiramento aparelhado e montado conforme ditames europeus também se encontra a palha e mesmo o barro (taipa). Estas decisões estético construtivas e recorrentes, independente de condições financeiras e sociais, demonstram bem como a preservação ancestral do *modus operandi* construtivo é marcante e permanente.

A tabela temática de estrutura aponta para uma relação mais achegada entre construção e meio ambiente. Conforme já salientado o madeiramento roliço, sem acabamento, é encontrado mais abundantemente no norte e no sul do litoral nordestino, enquanto a palha de coqueiro e o barro ficam no intermédio destas áreas. Ainda assim a técnica construtiva sofre alterações onde se encontra madeira aparelhada (tratada em forma de sarrafos e tábuas) com mais facilidade em função de plantios e serrarias.

As tabelas de coberta e vedação também salientam a estreita relação, em alguns momentos, entre construção e meio. A disponibilidade de material é fator importante para a utilização do mesmo. No entanto a sobreposição de técnicas construtivas de acordo com materiais diferentes no mesmo sítio deixa claro que a escolha cultural ainda é o mais preponderante fator de execução da casa.

No entanto as duas últimas tabelas (elementos acessórios e planta) demonstram o que foi a maior contribuição branca (européia) ao desenvolvimento da Construção Sincrética Praieira: o senso do privado através da especialização dos ambientes internos da casa. Conforme já discorrido, esta especialização, fruto, principalmente, da atuação da mulher no ambiente construído (Mumford, 1998), revela que novos modos de vida se estabeleceram no ambiente de praia. Com as novas convenções sociais e culturais formadas as relações familiares e interpessoais também adquiriram novas feições e o uso da construção acompanhou tais mudanças. Com ambientes mais reservados, privatizados dentro do ambiente familiar, a casa se compartimentou. As plantas e elementos acessórios (em especial os de proteção visual ou resguardo, como, por exemplo, as portas estilo saia e blusa) evidenciam este novo *genre de vie* estabelecido.

O contato, em nível íntimo (afinal haviam escravos que serviam dentro da casa e “criavam” os filhos dos brancos), com a família branca fez com que os negros em especial, ao tomarem maiores liberdades, levassem consigo novos hábitos e convenções. Necessidades mais específicas, novas formas de sobrevivência social, aprimoramento técnico e sincretismo cultural geraram este espaço tipicamente português num invólucro com origens índias e africanas. Estas modificações demonstram que a casa colonial foi transplantada para a construção índia e africana, em sua maioria de planta livre ou, em alguns casos, fragmentada em varias pequenas

construções. Essa mudança no ambiente interno nem sempre se refletiu na construção. Os elementos acessórios, que incluem janelas, por exemplo, nem sempre seguiram a distribuição interior. Algumas casas, na respectiva tabela, forma marcadas como sofrendo influência índia ou negra justamente pela ausência de aberturas ou aberturas muito pequenas, tipicamente africanas. Ainda digno de nota é que esta modificação em planta se deu com muito mais força no ambiente interno do que no externo. Não aparecem terraços e alpendres de com ascendência branca, portuguesa, com a mesma frequência que a planta interna da casa. E mesmo quando a arquitetura colonial demonstrou grande influência moura em aspectos estéticos estes não foram repassados às construções em estudo.

Considerações finais

O que, realmente, passa despercebido pelo olhar apressado é que este é um *genre de vie* baseado numa cultura socioeconômica e que esse fato gera uma ESCOLHA pelo ambiente praieiro e pela tecnologia construtiva característica desse processo. Essa escolha é feita em bases históricas e CULTURAIS, e não está lá por falta de opção ou investimento. O fator cultural pesa mais que outros fatores decisórios como o ambiente ou disponibilidade de material (características vernaculares). As decisões são tomadas em base do que se aprende por transmissão do conhecimento coletivo da comunidade. Este conhecimento pode ou não estar vinculado a fatores ambientais, vernaculares ou econômicos. Prova disso são as diferentes formas de uso do material (que vão de palha até alvenaria em algumas comunidades) ou pela aparente despreocupação com orientação solar ou de ventilação. Os materiais variam dentro de uma mesma comunidade, que já tende a ser condicionada pelo entorno, demonstrando que nem sempre o clima é fator preponderante, mas a cultura construtiva. O que não desfaz das propriedades físicas dos materiais com relação às intempéries do meio ou as características ecológicas e sustentáveis dos mesmos. Com respeito à ventilação vale a pena ressaltar que a principal preocupação em muitas comunidades é fugir dos fortes ventos que trazem a areia fina para dentro de casa e são muito abrasivos (junto com a areia fina) para a construção em taipa. Também a sobreposição de ambientes demonstra uma mínima preocupação com a insolação, visto que a disposição interna pode variar em sua distribuição na planta livre. Ainda se pode mencionar a distribuição espacial da comunidade variada e inconstante. Esta distribuição, conforme se observou nas visitas aos sítios, não obedece preceitos geomorfológicos ou urbanísticos (no sentido de ordenação desenhada do ambiente), mas a convenções familiares e a uniões destas mesmas.. Estes fatores confirmam que a CULTURA é o principal fator decisório na construção sincrética praieira. O acúmulo de experiência associado a formação de uma cultura específica gerou o *modus operandi* construtivo em estudo, a construção sincrética praieira.

Por fim, vale terminar com as palavras de Freyre (1967) ao fazer a introdução de suas anotações sobre os mucambos do Nordeste: “O mucambo, seja qual for o seu futuro no Nordeste ou em qualquer outra região do Brasil, não existiu em vão: nele afirmou-se de modo sociologicamente significativo e até esteticamente expressivo, a capacidade do brasileiro rústico para, à base de tradições européias e, principalmente, ameríndias e africanas, de arte de construção vegetal, resolver, como “arquiteto anônimo”, problemas importantes de sua fixação em espaço tropical, em face de destribalização e de ajustamento de destribalizados à modernas condições de vida denominada civilizada: inclusive ao tipo de família denominado romântico,

isto é, constituído por homem, mulher e filhos. A família do genuíno, do telúrico, do brasileiro caboclo.”

Referências Bibliográficas

- BACHELARD, Gaston. A Poética do Espaço. Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- BARRIO, Angel-B. Spina. Manual de Antropologia Cultural. Massangana, Recife. 2005.
- BASALLA, George. A Evolução da Tecnologia. Porto Editora. Porto, 2001.
- BORRAZÁS, PatriciaMañana; ROTEÁ, Rebeca Bianco; VILA, Xurxo M. Auán.
- Arqueotectura1: Bases teórico-metodológicas para una arqueologia de La arquitectura. TAPA 25. Laboratorio de Patrimônio, Paleoambiente e Paisage, Galicia. 2002.
- CASTELLUCI Jr., Wellington. Pescadores e Roceiros – Escravos e forros em Itaparica na segunda metade do século XIX (1860–1888). Annablume Editora. São Paulo, 2008.
- CROUCH, Dora P., JOHNSON, June G, Traditions in Architecture: Africa, America, Asia, and Oceania. Oxford Press. New York, 2001.
- DIEGUES, Antônio Carlos Sant’Ana. Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar. Ática. São Paulo, 1983.
- FREYRE, Gilberto. Mucambos do Nordeste – Algumas notas sobre o tipo e casa popular mais primitivo do Nordeste do Brasil. 2ª ed. Imprensa Universitária. Recife, 1967. Pág. XXI.
- KIPFER, Barbara Ann. Dictionary of Artifacts. Blackwell Publishing. Oxford, 2007.
- KOSTER, Henry. Viagens ao Nordeste do Brasil. Ed. Massangana. Recife, 2002.
- LEROI-GOUHAM, André. Evolução e Técnicas. Edições 70. Lisboa, 1984.
- MILLER, Heather M. L., Archaeological Approaches to Tecnology. Elsevier Inc. London, 2007.
- MUMFORD, Lewis. A Cidade na História. 4ª Ed. Martins Fontes. São Paulo, 1998
- OLIVER, Paul. Built to Meet Needs: Cultural issues in vernacular architecture. Elsevier, Oxford. 2006.
- OLIVER, Paul. Cobijo y Sociedad. H. Blume Ed. Madrid, 1978.
- RAPOPORT, Amos. House Form and Culture. Prantice-Hall, Inc., New Jersey. 1969.
- RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil. Companhia das Letras. São Paulo, 2006.
- SILVA, Luiz Geraldo. A Faina, a Festa e o Rito: Uma etnografia histórica sobre as gentes do mar. Papirus. Campinas, 2001.
- SILVA, Luiz Geraldo. Caiçaras e jangadeiros: Cultura marítima e modernização no Brasil (1920–1980). NUPAUB-USP. São Paulo, 2004.
- SILVA, Luiz Geraldo (Coord). Os Pescadores na História do Brasil, Vol. 1 – Colônia e Império. Ed. Vozes. Petrópolis, 1988.
- WEIMER, Gunter. Arquitetura Popular Brasileira. Martins Fontes. São Paulo, 2005.